

Quem lê/vê o livro faz uma dupla jornada pelos caminhos do texto, na letra que não há, mas se evoca e nos desenhos caprichosos, labirínticos, que mimetizam, em espirais, rendilhadas escadarias, bíblicos mosaicos, colunas que fazem/defazem a ilusão de profundidade, transgredindo as leis da perspectiva, criando novos espaços, novos caminhos, inéditas saídas. Assim se produzem, também, surpreendentes leituras, que nascem das linhas tortuosas do texto/quadro, possíveis de serem seguidas e lidas em qualquer direção, cabendo ao leitor/espectador recriar esse objeto/livro, de infinitas maneiras.

Se o texto é sempre erótico e desejanste, como diz Barthes, o de Angela o é duplamente, finalmente, por ser objeto de se ver, de se tocar, de se maravilhar, nesse lugar onde se perde o leitor, nos ecos de música e letra nunca silenciadas, renascidas em múltiplas cores, em múltiplos labirintos em que o próprio livro se mime-tiza enrodilhado, apontando para as perdas e para sempre recriadas origens de um verbo sagrado e milenar.

Ruth Silviano Brandão

CALLADO, Antônio. *O homem cordial e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1993.

Romancista consagrado pela crítica e pelo público, Antônio Callado entrega-nos agora uma coleção de cinco contos sob o título de *O homem cordial e Outras histórias*. À primeira vista, cada texto pouco tem a ver com o seu vizinho, escritos que foram em épocas distintas da vida e da carreira do escritor. No entanto uma leitura mais cuidadosa da coleção apresenta um duplo fenômeno que acaba por ser uma das graças do livro. Por um lado, cada conto mantém relação estreita com a obra publicada pelo autor, já que personagens ou temas de cada um deles se aproximam de seres ou temáticas encontrados nos grandes romances. Por outro lado, esta relação entre conto e romance acaba por entretecer um desenho sutil e delicado entre os contos, desenho que é uma réplica da arquitetura que os leitores atentos encontram na "evolução" da obra completa do romancista.

No momento em que o leitor envia o conto que lê ao romance que leu e de lá volta para dar continuidade à sua leitura, está enriquecendo o estofado dramático da narrativa através das lembranças que lhe foram ofertadas pelas alusões que foi detectando aqui e ali. Neste jogo de vai-e-vem, os cinco contos reinauguram - como que

em miniatura - o elo profundo que a sucessão das obras mais marcantes do romancista foi definindo pouco a pouco e laboriosamente. Apenas como exercício, podemos dar alguns exemplos. Veja-se como "O homem cordial" se aproxima de *Bar Dom Juan*, ou como "O último indivíduo da tribo Rondon-Vilas Boas" se aproxima da *Expedição Montaigne* e de *Quarup*. Ou como "Dona Castorina de Paissandu" tem algo a ver com *Concerto Carioca*. E como, no fundo, todos os cinco compartilham da visão personalíssima de mundo, de vida social e de escrita literária que têm o cidadão, jornalista e escritor Antônio Callado.

Assim sendo, podemos fazer ao mesmo tempo uma apreciação do que é específico ao conto "O homem cordial" e do que, nele, perpassa a obra de Callado. A primeira apreciação do conto falaria dos problemas experimentados, primeiro de maneira bonachona e depois de modo ansioso, pelo homem branco, classe média, quarentão, nos anos que seguem ao golpe de 64. Naquele momento a elite toma contato com a brutalidade brasileira expressa pelas forças policiais e militares que, deixando de lado os pés-rapados da História, percebem e espancam indiscriminadamente profissionais e estudantes. Ao contextualizar o conto de Callado com a ajuda do levantamento até então inédito da "história cruenta" do Brasil, feito por José Honório Rodrigues em *Conciliação e*

*reforma do Brasil* (1965), veríamos de forma nítida como a "modernização selvagem", apesar dos pesares, nos obrigou a enxergar melhor a nós mesmos e ao nosso passado pátrio.

Uma outra avaliação do conto nos levará a um dos mais ricos filões da ficção de Callado, que é o de discutir os grandes temas sócio-políticos da atualidade brasileira sem perder de vista os problemas íntimos do homem. O drama do historiador Jacinto, às voltas com as duas mulheres da sua vida (a filha e a amante), é tão complexo quanto o drama público que vivencia ao ter os seus direitos políticos cassados e a casa invadida. Toda a trama inicial do conto se circunscreve ao desejo de Jacinto em não querer que a brutalidade pública corrompa a sua vida privada. Na vontade de preservar o "equilíbrio interior" (p. 19), o que tinha conseguido ao esconder da filha a amante, não abandona o ulsque rotineiro só porque a realidade é terrível.

Mas ao presenciarmos os excessos da polícia no centro do Rio de Janeiro, ao descobrir que a amante e a filha se simpatizam apesar de todos os seus cuidados, ao examinar as chagas do espancamento brutal no corpo da filha, Jacinto já não é o mesmo, isso porque o seu mundo privado também não o é. Tripla metamorfose interior. Em sua própria casa abraça a amante como se estivesse no apartamento de programa e a pede

em casamento. Entende melhor a revolta da filha e companheiros de luta e, pelos ideais da juventude, está "pronto a assassinar alguém". Já não conseguirá continuar a escrever o livro sobre a cordialidade brasileira. Eis uma frase sintomática da intromissão perturbadora do público na esfera do privado: "Mas havia, para lá da aflição, uma qualidade qualquer, uma vibração que parecia unir a casa a uma vida externa a ela..."

O acontecimento sócio-político só modifica o homem no momento em que é internalizado, isto é, quando se intromete pelas frestas da janela e transtorna a vida privada. Caso contrário, a reação de revolta é politicamente de fachada, mero jogo de aparências e, por isso, exibicionismo para o consumo da nossa inconstante e pusilânime vida político-intelectual. No momento em que se solidariza com a filha e a amante, no momento em que descobre que a sinceridade é uma virtude feminina, Jacinto recompõe o seu lar em tempos de cólera e é transportado pela alegria, pela generosidade e "pelo engajamento de sua vida que começava ali e que havia de ser total".

Analisados com o cuidado que merecem, todos os contos acabam por traduzir a dramaticidade entre o privado e o público, o dentro e o fora. O exterior é sempre elemento de perturbação, espelho que é da alma. Vejam o caso do amigo que é capaz de

desvalorizar a esposa (ela é um sapato velho, cambaio) só para não enxergar a traição que o seu melhor amigo, como um tigre, apronta às suas costas. Ao final de "Prisão azul" é o marido quem sai de casa "como um ladrão". O gato, sintomaticamente chamado de "Enxerido", perturba a vida do casal, ao lembrar à esposa a presença todo-poderosa da sogra na sexualidade masculina. Dona Castorina deixou de ser quem seria no momento em que o pai vende a casa da rua Paissandu para que ali construam um edifício. Enquanto aguardam o apartamento, a moça enlouquece no Hotel dos Estrangeiros. Como levar o Índio a reagir e até mesmo a exterminar o branco invasor? eis a pergunta irônica que fica no ar após a leitura do último e quinto conto.

Silviano Santiago.

AMARAL, Manuela. *Tempo de passagem*. Coimbra: Fora do Texto, 1991. *Minha memória de ti*. Coimbra: Fora do Texto, 1992.

*Tempo de passagem* e *Minha memória de ti* são dois livros perigosos porque representam um tipo de poesia que pressupõe a busca do confessional. E isso é um sério risco para o poeta e para a poesia: ambos podem se tornar pessoais demais, destruindo talvez o maior objetivo da literatura, que é o de, falando